

Apropriação literária: um projeto contemporâneo

Maurício Silva
Universidade Nove de Julho, em São Paulo
E-mail: maurisil@gmail.com

Resenha de: VILLA-FORTE, Leonardo. *Escrever sem escrever: literatura e apropriação no século XXI*. Rio de Janeiro: PUC-RIO; Belo Horizonte: Relicário, 2019.

Recebido em: 27/05/2020
Aceito em: 27/07/2020

A literatura contemporânea, dentro e fora do Brasil, tem revelado, cada vez mais, uma impressionante versatilidade, que se traduz em tendências, processos, estratégias e sistemas os mais variados possível. Da produção de *fanfiction* (NEVES, 2014) às práticas de escritura do eu, em processos de *autoficção* (NORONHA, 2014), passando pela incorporação de manifestações literomusicais, como o *rap* (TEPERMAN, 2015), a contemporaneidade tem sido pródiga em revelar procedimentos inusitados de escritura/reescritura da linguagem literária, como é o caso da *literatura de apropriação*, estudada com incomum lucidez por Leonardo Villa-Forte em seu recente livro (*Escrever sem escrever: literatura e apropriação no século XXI*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte, PUC-RIO/Relicário, 2019).

Natural do Rio de Janeiro, onde se formou em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Leonardo Villa-Forte defendeu, em 2015, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO), uma premiada dissertação de mestrado, publicada agora sob a forma de livro. Na obra, o pesquisador discute, entre outros temas, a capacidade de a cultura se *transformar* (no sentido oposto ao de *criar*), premissa do que chama de *cultura remix*, dedicando-se a analisar, em especial, a literatura contemporânea.

Diferentemente dos estudos acerca de processos de inspiração, reinvenção e influência literários – dos quais as abordagens intertextuais talvez sejam os melhores exemplos (NITRINI, 1997) –, Villa-Forte aborda outros processos de recriação, como a reciclagem, o reaproveitamento, a remixagem, a transfiguração. Em outros termos, aqueles processos que não resultaram da inspiração de outras obras, mas, antes, de sua *apropriação*:

O gesto de fazer de um conteúdo original uma outra coisa, mas não por meio de uma nova invenção, e sim pela reproposição ou reenquadramento pela seleção, edição e recontextualização. O texto como *ready-made*. A apropriação, a cópia e o deslocamento como métodos, como técnica e restrição, pelas quais se produzem um poema, um conto, um texto híbrido, arte e literatura – um artefato ao qual é atribuído um nome de autor (VILLA-FORTE, 2019, p. 19).

Apropriação, portanto, é o conceito que o autor usa para exprimir o ato de utilizar algo feito por outro, reinserindo-o num novo sistema, práticas relativamente comuns nas últimas décadas, mas que já estavam presentes em certas vanguardas do início do século XX (em especial, no dadaísmo e nos *ready-made* de Duchamp), como que consagrando o *gesto de apropriação*, que ganha outro sentido e estatuto com as novas tecnologias, particularmente apropriadas à prática do “copiar e colar”, do “deslocamento” e da “reciclagem”. Como na música (*sample*) ou nas artes plásticas (*bricolagem*), o movimento de “retirar ou copiar fragmentos de uma ou várias fontes e deslocá-los, reposicionando-os em determinado contexto diferente daquele de onde os fragmentos foram retirados “ (VILLA-FORTE, 2019, p. 24) está presente também na literatura, numa espécie de *montagem*, resultando numa *colagem*, espécie de “*mash-up*”

literário” (VILLA-FORTE, 2019, p. 27), o que sugere a figura de “um escritor que não escreve” (VILLA-FORTE, 2019, p. 27), como expresso no título do livro. Pode-se dizer que se trata, em última instância, de um típico *ato de deslocamento*, inserindo a obra de arte numa rede de signo e significações, em vez de considerá-la uma forma original e autônoma, em que a maneira como um texto é lido implica uma espécie de *autoria explícita* por parte do leitor.

Villa-Forte esclarece que sua análise não se volta, propriamente, para aquelas obras feitas com base em um diálogo entre uma escrita original e uma escrita não original, isto é, obras que incorporam outros textos, de autoria variada, mesclando-os aos dos próprios autores, presentes de modo mais recorrente desde as décadas de 1960-1970 (Leminski, Valêncio Xavier, Ana Cristina César) até os dias atuais (Luís Ruffato, Carlito Azevedo, Cristiane Costa, Patrícia Portela). Sua proposta, diferentemente, é abordar uma prática mais *intransigente*, isto é, aquela que produz “obras cujos textos são inteiramente compostos por meio de apropriações. Ou seja, obras que não são feitas da mistura entre ‘pedaços’ do preexistente e trechos originais, mas que são integralmente não escritas/não criadas por aqueles que as assinam” (VILLA-FORTE, 2019, p. 44). Muitas dessas práticas são induzidas pelas novas tecnologias, resultando em obras em que a *invenção* cede espaço para a *seleção* e a *edição*, e a noção de *originalidade* cede espaço para a de *recriação*. Trata-se do que chamamos, anteriormente, de uma *literatura de apropriação*, que não dispensa a ação de reorganizar, recortar, colar, remontar, deslocar e outras ações similares, que se afirma como “uma tática muito bem definida e urdida, um gesto consciente de si, um ataque material que copia e cola, e que pode nem se tratar de um tecido, mas de um deslocamento de objeto inteiro, sem colagem de fragmentos” (VILLA-FORTE, 2019, p. 52).

Tais ações estabelecem uma outra lógica de relacionamento com os textos, transformando a realidade em hiper-realidade, numa atitude que não deixa de ser perturbadora e incomum:

o copiar, o colar, o selecionar e editar, o sublinhar e rearranjar fazem cada vez mais parte da nossa lógica. O computador e seus derivados nos encorajam a mimetizar seus modos de funcionamento. A sua lógica, claro, não foi inventada por ele mesmo, o computador. O que estamos ressaltando aqui é a

proliferação desse modo operacional. Frente à abundância de material, o que temos? Ferramentas que incentivam a copiá-lo, colá-lo, recortá-lo, editá-lo, alterá-lo... Podemos pegar o texto de uma página da internet e jogar dentro do arquivo de um romance que escrevemos (VILLA-FORTE, 2019, p. 78).

Nesse contexto, em que a literatura impressa se deixa contaminar pelas *técnicas da hipertextualização*, tanto a leitura quanto a escrita se deslocam, estabelecendo outros parâmetros de relacionamento com a linguagem escrita. Em suma: “o que fazemos é traçar percursos entre arquivos acessados. Inventamos itinerários por entre os objetos da oferta cultural. Não produzimos material original: produzimos percursos originais entre os signos existentes” (VILLA-FORTE, 2019, p. 79).

Adotando o conceito de *escrita não criativa* (baseado na expressão norte-americana *uncreative writing*), Villa-Forte a define como “a escrita que faz uso de e repropõe matéria discursiva de fontes preexistentes, levando-a para um novo espaço ou apresentando-a sob novas condições” (VILLA-FORTE, 2019, p. 88), que inclui práticas como a bricolagem (ou *mash-up*), a supressão (ou *die-cut*), o deslocamento (ou *détournement*) e outras similares. São, em síntese, modos de fazer literatura que suprimem a distância autor-leitor, não importando, no limite, quem fala, mas o que é dito, instaurando a ideia de um *autor-curador*, “o autor cuja assinatura atua como um guarda-chuva de outras assinaturas ou pela reformulação de um punhado de materiais sem assinatura” (VILLA-FORTE, 2019, p. 96). Trata-se, portanto, de um processo de *apropriação*, em que a radicalidade leva à ausência de um escritor como concebido atualmente, resultando no que se pode chamar de *literatura de pós-identidade*. Os processos de composição que lançam mão dessas práticas nascem de uma espécie de *hiperleitura*, realizada de maneira fragmentada e intermitente: “o recorte e cole, e a bricolagem ou o *mash-up* oriundos da hiperleitura, trabalham a simultaneidade e a dispersão. Representam a velocidade das mudanças, de alteração de uma coisa para outra, um fragmento para outro, um autor para outro, um livro para outro, uma referência para outra, um link para outro: interrupção e continuação, interrupção e continuação. Passa-se por muitos e por muito pouco de cada um” (VILLA-FORTE, 2019, p. 111).

Ao se falar em *escrita não criativa* não se está querendo referir às ações espontâneas e aleatórias – como, por exemplo, dos dadaístas –, mas a uma ação deliberada, com intencionalidade, marcada por determinada ideologia, com diferentes graus de intervenção, feita de modo consciente. A escrita concebida desse modo aproxima-se mais à ideia de artesão do que a de autor, realizando-se uma criação em parceria, tal como se percebe em algumas obras de Jen Bervin (*Nets*), Jonathan Safran Foer (*Tree of Codes*), Angélica Freitas (“3 poemas com auxílio do Google”), Verônica Stigger (*Delírio de Damasco*), Roy David Frankel (*Sessão*) ou Kenneth Goldsmith (*Trilogia americana; Day*), o autor mais estudado no livro. Todas essas obras participam de uma espécie de *cultura remix e apropriacionista*, que faz parte da contemporaneidade:

A apropriação, a montagem e o deslocamento são procedimentos em consonância com o espírito da época. Se o escritor ou artista é a voz do seu tempo, o escritor ou artista do nosso tempo cultiva uma relação intensa com a não criatividade, a reciclagem, a reformulação, a pós-produção. E o campo textual das práticas de apropriação, dentro do contexto da produção cultural contemporânea, é indissociável daquilo que orienta a percepção e a subjetividade no século XXI, a tecnologia e seus desdobramentos, tanto físicos quanto virtuais, como o excesso de informação e uma nova temporalidade hiperveloz (VILLA-FORTE, 2019, p. 198).

Compreender a literatura de um *modus faciendi* inusitado para as formas “tradicionais” de inter-relacionamento entre textos criativos – historicamente pautadas nos princípios do comparatismo literário (PICHOS & ROUSSEAU, 1967; CARVALHAL, 1986; COUTINHO, 2013) –, requer outro entendimento do próprio *sistema literário*, tal como fora formulado e consagrado no meio acadêmico por Antônio Cândido (1981): um entendimento que, questionando os conceitos convencionais de autor, leitor e obra, se abre para as novas perspectivas de análise e interpretação do texto literário.

REFERÊNCIAS

CÂNDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura Comparada*. São Paulo: Ática, 1986.

COUTINHO, Eduardo. *Literatura comparada. Reflexões*. São Paulo: Annablume, 2013.

NEVES, André de Jesus. *Cibercultura e literatura, identidade e autoria em produções culturais participatórias e na literatura de fã (fanfiction)*. São Paulo: Paco, 2014.

NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada. História, Teoria e Crítica*. São Paulo: Edusp, 1997.

NORONHA, Jovita Maria Gerheim (Org.). *Ensaio sobre a autoficção*. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

PICHOIS, Claude & ROUSSEAU, André-M. *La Littérature Comparée*. Paris: Librairie Armand Colin, 1967

TEPERMAN, Ricardo. *Se liga no som. As transformações do rap no Brasil*. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

VILLA-FORTE, Leonardo. *Escrever sem escrever: literatura e apropriação no século XXI*. Rio de Janeiro: PUC-RIO; Belo Horizonte: Relicário, 2019.

Literary appropriation: a contemporary project

Review of the book:

VILLA-FORTE, Leonardo. Escrever sem escrever: literatura e apropriação no século XXI. Rio de Janeiro: PUC-RIO; Belo Horizonte: Relicário, 2019.